

ADHEMAR S. MINEIRO

A INICIATIVA "UM CINTURÃO, UMA ROTA": O PROTAGONISMO CHINÊS E A AMÉRICA LATINA

REALIZAÇÃO:

act:onaid

A INICIATIVA 'UM CINTURÃO, UMA ROTA': O PROTAGONISMO CHINÊS E A AMÉRICA LATINA

RIO DE JANEIRO, 2018

INICIATIVA

ActionAid Brasil

RIO DE JANEIRO

Rua Moraes e Vale, 111 / 5º andar

Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20021-260

www.actionaid.org.br

PESQUISA E TEXTO

Adhemar S. Mineiro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Gerardo Cerdas Vega

FOTO CAPA

Chungking / DepositPhotos

Porto Yangshan - Xangai, China

ISBN

978-85-89473-25-5

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Mórlua_Oficina de Ideias

REVISÃO

Glauce Arzua e Rafael Nunes

As opiniões vertidas nesse texto são de inteira responsabilidade do autor e não necessariamente refletem o ponto de vista institucional da ActionAid Brasil.

SUMÁRIO

- 4 APRESENTAÇÃO
- 8 INICIATIVA "UM CINTURÃO, UMA ROTA" O QUE É?
- 13 Transporte e Infraestrutura
- 16 Integração Produtiva
- 17 Integração Financeira
- 20 ALGUNS OUTROS ASPECTOS DA UCUR
- 22 A emergência da China ao protagonismo
- 25 A estratégia chinesa traduzida politicamente — o Discurso de Xi Jinping em 2017
- 27 Impactos na América Latina e no Brasil
- 29 A expansão programada do poder chinês
- 32 ANEXOS

APRESENTAÇÃO

A ActionAid é uma organização internacional que atua em 45 países da Ásia, África, América e Europa por um mundo livre de pobreza e injustiça. Por esse motivo, damos grande importância em nossas ações aos grandes temas que perpassam a realidade global, construindo as necessárias interfaces com as dimensões local e nacional para a superação das grandes desigualdades sistêmicas, cada vez mais globalizadas, que afetam a vida de milhões de pessoas e seu direito a uma vida com direitos e justiça plenamente reconhecidos.

Nesse sentido, alguns países integrantes da Federação, como Brasil, Índia e África do Sul, tem devotado esforços nos últimos anos à incidência sobre espaços chave da geopolítica global que marcaram o protagonismo dos países emergentes, notadamente os BRICS, assim como a entender os impactos e consequências para esses países do acelerado crescimento chinês, que fez possível que a China ocupe hoje em dia a posição de segunda grande potência econômica global, fato que traz inúmeros desdobramentos para os nossos países, não apenas econômicos, mas também sociais e políticos.

Assim, no caso do Brasil, a ActionAid tem desenvolvido nos últimos cinco anos um conjunto de atividades relacionadas com os BRICS buscando um entendimento mais aprofundado das dinâmicas de investimento da China tanto no Brasil quanto nos países dos BRICS onde a nossa organização está presente. Seminários, eventos de convergência dos movimentos sociais no marco das Cúpulas dos BRICS, elaboração de estudos e publicações, materiais de divulgação para as redes sociais e outros, ao longo desse tempo, tem integrado o leque de nossas atividades.

O trabalho que apresentamos agora, portanto, se insere nesse contexto e dá continuidade a nossas iniciativas. Como já comentamos em outra publicação¹, assistimos hoje ao movimento profundo de transição do vértice dinâmico da economia global para o eixo Ásia-Pacífico, movimento esse caracterizado pela emergência da China como potência global no decorrer dos últimos trinta anos. Portanto, na presente publicação, nos propusemos a debater um dos aspectos mais marcantes da expansão chinesa contemporânea, a saber, a chamada *One Belt, One Road Initiative*, a qual poderia ser entendida como um gigantesco esforço por ampliar e consolidar a posição chinesa como potência global mediante a construção de imensos corredores logísticos que interconectem regiões estratégicas do comércio mundial (assim como a circulação

1. Aguiar, Diana. *A geopolítica da infraestrutura da China na América do Sul: um estudo a partir do caso do Tapajós na Amazônia brasileira*. Rio de Janeiro: ActionAid / FASE, 2017.

de capital e informação) com o desenvolvimento dos potenciais econômicos da própria China em termos de sua economia doméstica relativamente pouco dinâmica e pouco integrada, ainda, com o mercado mundial.

Os impactos dessa iniciativa, caso os projetos nela contidos cheguem a se materializar, serão fundamentais para a consolidação do poder chinês no mundo. E, considerando o fato de que a China é hoje o principal sócio comercial e o principal investidor estrangeiro direto na América Latina (incluindo o Brasil), não podemos negligenciar um entendimento mais refinado das iniciativas que a China visa implementar no intuito de se fortalecer vis-à-vis as outras grandes potências mundiais, em particular, com relação aos Estados Unidos, pelas implicações que esses processos terão para o nosso país e para outros países onde a ActionAid atua. É fundamental levar em conta, como pano de fundo da One Belt, One Road Initiative, a chamada "Guerra comercial" entre a China e os Estados Unidos, deflagrada desde 2017, que terá consequências profundas na configuração atual da globalização.

Assim, o presente documento visa apresentar ao leitor as características gerais da iniciativa "Um Cinturão, Uma Rota", com a finalidade de subsidiar o debate e estimular novos trabalhos que venham aprofundar o entendimento das implicações que a tal iniciativa terá para o Brasil, sendo o nosso país, como ele é, um dos países chave para o êxito de qualquer estratégia global chinesa, em função das características da integração econômica

atual entre os dois países e do lugar subordinado que o Brasil tem trazido para si no marco da nova divisão internacional do trabalho, se consolidando como o maior fornecedor de matérias primas e *commodities* agrícolas e minerais para o avanço chinês pelo mundo, com sérias consequências para o meio ambiente e para os povos e comunidades que habitam nas regiões de "fronteira" onde a expansão do modelo são vivenciadas com mais força e onde seus impactos são mais dramáticos, em especial, porque em lugar de trazer desenvolvimento social e humano para esses povos e comunidades, com frequência essas dinâmicas se traduzem no aumento da violência, da pobreza e da injustiça que oprime aqueles grupos e empobrece a sociedade como um todo, embora de maneira desigual.

Esperamos que a leitura seja de interesse e proveito para vocês, leitores / leitoras. Agradecemos muito especialmente ao nosso colega Adhemar Mineiro, quem assumiu a elaboração do presente documento, pelo esforço realizado na organização dos materiais e na apresentação sucinta de uma Iniciativa cujos desdobramentos serão sentidos em escala global, no decorrer dos próximos anos, na medida em que os projetos passem do papel para a sua implementação, o que vai depender de inúmeros e imponderáveis fatores. Finalmente, agradecemos à Mott Foundation pelo apoio para a realização deste trabalho, assim como para o desenvolvimento do conjunto de iniciativas ao longo desses anos.

Boa leitura!

“ (...) o Brasil vem se consolidando como o maior fornecedor de matérias primas e *commodities* agrícolas e minerais para o avanço chinês pelo mundo, com sérias consequências para o meio ambiente e para os povos e comunidades que habitam nas regiões de “fronteira” (...) porque em lugar de trazer desenvolvimento social e humano (...), com frequência essas dinâmicas se traduzem no aumento da violência, da pobreza e da injustiça ”





INICIATIVA "UM CINTURÃO, UMA ROTA": O QUE É?

A Iniciativa "Um Cinturão, Uma Rota" (*One Belt, One Road Initiative*, ou BRI pela sigla em inglês), também conhecida como "Cinturão Econômico da Rota da Seda", e a partir daqui tratado nesse texto como UCUR, é uma proposta econômica ampla elaborada pelo governo chinês como estratégia comercial e de desenvolvimento, com impactos internos e internacionais. A ideia inicial é a conexão dos mercados europeus e chinês, mas ao longo desse caminho isso envolve interconexões dentro do território chinês, na Ásia Central, Oriente Médio, África Oriental e, nas versões mais novas, América Central e do Sul.

Anunciada pelo presidente chinês Xi Jinping em fins de 2013, a UCUR virou rapidamente uma estratégia de interconexão de mercados incluindo o mercado nacional chinês e os mercados internacionais dos países potencialmente envolvidos, usando neste processo as tradicionais palavras-chave chinesas da integração cultural e compreensão mútua. A posição oficial chinesa sobre a UCUR não enfatiza o aspecto comercial da iniciativa (o que faria evidente o aspecto de competição envolvido), insistindo que ela abre uma grande oportunidade de desenvolvimento harmônico para todas as nações parte.

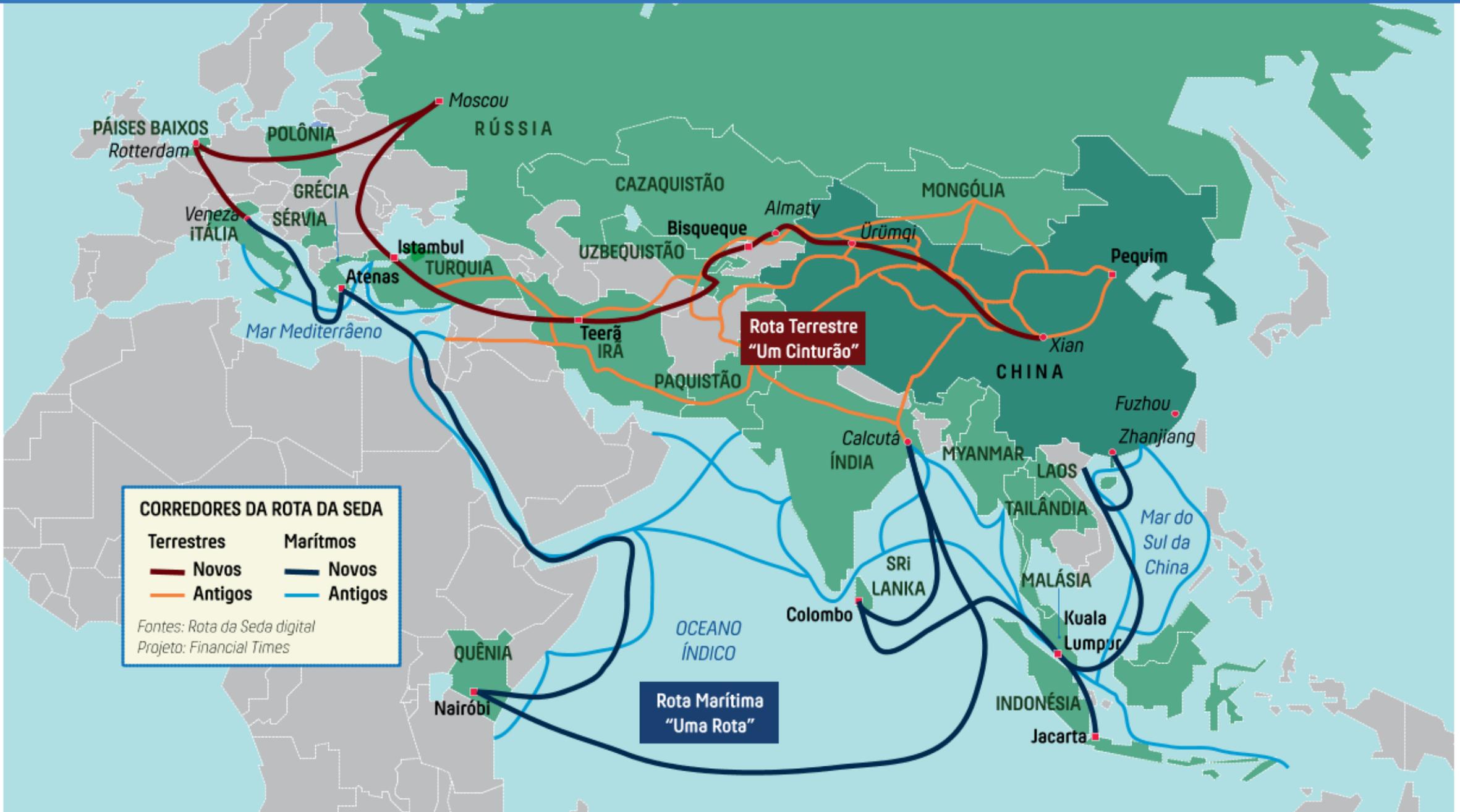
A UCUR tem como objetivo promover a interconexão dos continentes asiático, europeu e africano e as áreas marítimas do entorno, estabelecer e estreitar as parcerias entre os países por onde passam o "cinturão" e a "rota", assim como aprofundar e diversificar as interações econômicas desses países. Os diversos projetos da UCUR deverão servir para diversificar o desenvolvimento nos países compreendidos pela iniciativa, ao mesmo tempo em que possibilitariam coordenar as distintas estratégias de desenvolvimento nacional, tentando explorar não apenas os potenciais mercados nas regiões abrangidas, como ampliar investimentos e consumo, e desta maneira promover e qualificar oportunidades de emprego e interação cultural e educacional, permitindo uma maior compreensão mútua entre as populações dos diferentes países e, desta forma, segundo a visão chinesa, uma interação em "harmonia, paz e prosperidade".

Segundo apregoado pelos chineses, a UCUR é uma oportunidade aberta para cooperação com todos os países e organizações internacionais e regionais, não sendo, portanto, restrita à área da antiga "Rota da Seda"². Desta forma, sua abrangência e efeitos (positivos, ainda de acordo com a versão oficial chinesa) podem atingir áreas muito mais amplas, direta ou indiretamente.

2. Caminho que interligava a antiga China à Europa via Ásia Central e Oriente Médio, cujo nome advém de um dos principais produtos que trafegavam por esse itinerário, a seda produzida no Extremo Oriente.

MAPA "UM CINTURÃO, UMA ROTA"

CORREDORES DA ROTA DA SEDA



A UCUR engloba diretamente, como foi dito, Ásia, África e Europa, conectando o Extremo Oriente, em especial a integrada cadeia industrial centralizada por China, Coreia do Sul e Japão, em uma ponta, à cadeia produtiva e especialmente ao gigantesco mercado consumidor representado pela Europa (para além inclusive da própria União Europeia), o que por si só mostra o potencial da iniciativa (e seu poder de sedução sobre os países que podem ser envolvidos ao longo dessa conexão).

O chamado "Cinturão Econômico da Rota da Seda" se concentra em reunir a China, a Ásia Central, a Rússia e a Europa (o Báltico); ligar a China ao Golfo Pérsico e ao Mar Mediterrâneo através da Ásia Central e da Ásia Ocidental; e conectar a China com o Sudeste Asiático, o Sul da Ásia e o Oceano Índico. A chamada "Rota da Seda Marítima do Século XXI" foi projetada para ir da costa da China à Europa através do Mar do Sul da China e do Oceano Índico em uma rota, e da costa da China pelo Mar do Sul da China até o Pacífico Sul na outra. Em terra, a UCUR se concentrará na construção conjunta de uma nova rota terrestre na chamada Eurásia, através do desenvolvimento dos corredores econômicos China-Mongólia-Rússia, China-Ásia Central-Ásia Ocidental (Oriente Próximo) e China-Península da Indochina, aproveitando rotas de transporte internacionais, baseadas em cidades polo ao longo da UCUR e usando os principais parques industriais como plataformas de cooperação produtiva (cadeias produtivas).

No mar, a UCUR se concentrará na construção conjunta de rotas de transporte diretas, seguras e eficientes, conectando os principais portos marítimos ao longo do seu trajeto, tais como Zhanjiang (China), Kuala Lumpur (Malásia), Jacarta (Indonésia), Calcutá (Índia), Colombo (Sri Lanka), Mombasa (Quênia), Djibuti, Atenas (Grécia) e Veneza (Itália), entre outros. O Corredor Econômico China-Paquistão e o Corredor Econômico Bangladesh-China-Índia-Mianmar estão intimamente relacionados à UCUR e, portanto, exigem uma cooperação mais estreita e profunda que os inicialmente previstos.

Os países a serem envolvidos na UCUR são supostos de trabalhar em conjunto e avançar em direção aos objetivos de benefício mútuo e segurança comum, segundo a visão oficial chinesa. Eles precisam melhorar a infraestrutura da região e colocar em prática uma rede segura e eficiente

de passagens terrestres, marítimas e aéreas, elevando sua conectividade a um nível mais alto, além de aumentar ainda mais a facilitação do comércio e investimento; estabelecendo uma rede de áreas de livre comércio, estreitando laços econômicos e melhorando os intercâmbios culturais como forma de alcançar a compreensão política mútua.

TRANSPORTE E INFRAESTRUTURA

Os países ao longo da Iniciativa UCUR deveriam trabalhar pela coordenação de suas estratégias e políticas de desenvolvimento econômico, buscando medidas de cooperação regional e não apenas a implementação de cooperação prática, mas também através de projetos de larga escala. Por cooperação prática entende-se uma parceria pontual no sentido de viabilizar o projeto, enquanto que projetos de larga escala envolvem uma integração mais orgânica com a estratégia geral, no sentido de um projeto de desenvolvimento integrado em algum nível com a estratégia geral da UCUR.

Deveriam ainda melhorar a conectividade de seus planos de construção de infraestrutura e sistemas técnicos padrão, impulsionar a construção de troncos de transporte internacionais e formar uma rede de infraestrutura conectando todas as sub-regiões da Ásia e entre Ásia, Europa e África progressivamente. Ao mesmo tempo, segundo o discurso oficial chinês, esforços deveriam ser feitos para promover a construção e gerenciamento de infraestrutura verde e de baixo carbono, levando em conta o impacto das mudanças climáticas na construção.

Na área de transportes, a proposta chinesa enfatiza a importância da remoção de gargalos de transporte, avanço das instalações de segurança viária e equipamentos e gerenciamento de tráfego e melhoria da conectividade da rede rodoviária. Além disso, é importante construir um mecanismo unificado de coordenação para o transporte durante todo o percurso, aumentando a facilidade dos despachos aduaneiros, recarregamento e transporte multimodal entre países e, gradualmente, formular

regras de transporte compatíveis e padronizadas, de modo a realizar a facilitação do transporte internacional. Além disso, é fundamental impulsionar a construção de infraestrutura portuária, construir canais de transporte aquaviários e promover a cooperação portuária; aumentar as rotas marítimas e o número de viagens e melhorar a cooperação em tecnologia da informação na logística marítima. Além disso, é importante ainda expandir e construir plataformas e mecanismos para a cooperação abrangente da aviação civil e acelerar o ritmo na melhoria da infraestrutura de transporte aéreo.

A UCUR busca ainda promover a cooperação na conexão de infraestruturas energéticas, trabalhando em conjunto para garantir a segurança dos oleodutos e gasodutos e outras rotas de transporte (é bom lembrar que parte da região abrangida pela Iniciativa está imersa em conflitos que persistem, como Iraque, Afeganistão e outros), construir redes de fornecimento de energia transfronteiriças e rotas de transmissão de energia e cooperação na modernização e transformação da rede elétrica regional. A princípio, a garantia da segurança envolve a manutenção da paz na região, mas não é citada nenhuma forma de cooperação militar entre os problemáticos países da região e a China. Entretanto, em alguns casos onde as tensões são mais abertas (como Paquistão e Índia, por exemplo), a aproximação com a China (no caso, do Paquistão) é vista com reservas pela outra parte (no caso, a Índia).

Na área de comunicação, para os países envolvidos na UCUR, é importante avançar na construção de cabos óticos transfronteiriços e outras redes de linhas troncais de comunicações, melhorar a conectividade internacional de comunicações e criar uma espécie de "Rota da Seda" da informação em paralelo à integração física e produtiva, conectados com cabos óticos submarinos transcontinentais e comunicação via satélite, expandindo a circulação e troca de informações.

Todo esse esforço de infraestrutura é pensado tendo como centro a integração comercial e de investimentos. Assim, a orientação geral do UCUR é de facilitação do comércio e retirada de restrições ao comércio e ao investimento (se possível, com a criação de áreas de livre comércio e vigência de acordos de investimento entre a China e os países envolvidos), com a criação de um ambiente de negócios ampliado na região (e, o que está submerso no discurso oficial chinês, de hegemonia dos capitais chineses).

“ A orientação geral do UCUR é de facilitação do comércio e retirada de restrições ao comércio e ao investimento (se possível, com a criação de áreas de livre comércio e vigência de acordos de investimento entre a China e os países envolvidos), com a criação de um ambiente de negócios ampliado na região (e, o que está submerso no discurso oficial chinês, de hegemonia dos capitais chineses) ”

Assim, com o objetivo de facilitar o livre comércio, os países ao longo da UCUR devem aprimorar a cooperação alfandegária, como o intercâmbio de informações, o reconhecimento mútuo de regulamentações e a assistência mútua na aplicação da lei; melhorar a cooperação bilateral e multilateral nos campos de inspeção e quarentena, certificação e credenciamento, medição padronizada e informação estatística; e trabalhar para garantir que o Acordo de Facilitação do Comércio da OMC, aprovado na IXª Conferência Ministerial em Bali, Indonésia, em 2013, entre em vigor e seja implementado. Ainda é fundamental melhorar as instalações dos portos fronteiriços, reduzir os custos e capacidade de desembarço aduaneiros. Fundamental também é aumentar a cooperação na segurança e adequação das cadeias de suprimento, melhorar a coordenação dos procedimentos de supervisão transfronteiriça, promover a verificação online dos certificados de inspeção e de quarentena e facilitar os reconhecimentos mútuos de agentes de operação e regulação das atividades de circulação transfronteiriça. Importante ainda é diminuir as barreiras não-tarifárias, melhorar conjuntamente a transparência das medidas técnicas comerciais e aumentar a liberalização e a facilitação do comércio.

Na área de investimentos, é importante para a UCUR acelerar a facilitação do investimento, eliminar as barreiras ao mesmo e avançando nas negociações sobre acordos bilaterais de proteção ao investimento e acordos para evitar a bitributação, a fim de proteger os direitos e interesses dos investidores, se sobre-entende, chineses (embora mais uma vez, essa exploração não consta no discurso oficial).

INTEGRAÇÃO PRODUTIVA

Na área produtiva, o objetivo da UCUR é ampliar as áreas de investimento comum, aprofundar a integração em primários, na agricultura, silvicultura, pecuária e pesca, fabricação de máquinas agrícolas e processamento de produtos agrícolas e promover a cooperação na agricultura de produtos marinhos, aquicultura, pesca de alto mar, processamento de produtos aquáticos, dessalinização da água do mar, biofarmácia marinha, tecnologia de engenharia oceânica, indústrias de proteção ambiental, turismo marinho entre outros.

Relacionado ao setor de energia e mineração, aumentar a cooperação na exploração e desenvolvimento de carvão, petróleo, gás, minerais metálicos e outras fontes de energia convencionais; avançar na cooperação em energia hidrelétrica, energia nuclear, energia eólica, energia solar e outras fontes de energia limpa e renovável, visando promover a cooperação no processamento e conversão de energia e recursos nos locais ou onde eles são explorados, de modo a criar uma cadeia industrial integrada de energia e cooperação de recursos, além de reforçar a cooperação em tecnologia de processamento profundo (petróleo e gás), equipamentos e serviços de engenharia nas áreas de energia e recursos naturais. Vale lembrar a dependência chinesa em relação ao consumo energético, e a riqueza em óleo e gás tanto da Rússia, quanto da Ásia Central e Oriente Médio, importantes para o abastecimento energético da China.

A UCUR prevê ainda impulsionar a cooperação em indústrias emergentes. De acordo com princípios expressos de complementaridade e

benefício mútuo, objetivando promover a cooperação aprofundada dos países envolvidos na UCUR em tecnologias de informação de nova geração, biotecnologia, novas tecnologias energéticas, novos materiais e outras indústrias emergentes e estabelecer parcerias empresariais com investidores chineses e mecanismos de cooperação em investimentos, tais como os acordos de facilitação de investimentos citados anteriormente, entre outros.

A UCUR prevê ainda, com o objetivo de integração das cadeias produtivas, melhorar a divisão do trabalho e a distribuição de cadeias industriais entre os países, incentivando toda a cadeia industrial e indústrias relacionadas a se desenvolverem, se possível, em conjunto, estabelecendo sistemas de pesquisa e desenvolvimento, produção e marketing e procurando melhorar a capacidade de apoio industrial e a competitividade global das indústrias regionais. Prevê ainda ampliar a abertura da área de serviços dos países envolvidos na UCUR. Com os processos de liberalização dos investimentos, se trabalha com o intento, ao menos no discurso, de construir parques industriais, como zonas de cooperação econômica e comercial no exterior e zonas de cooperação transfronteiriças e promover o desenvolvimento de núcleos industriais.

O discurso oficial ainda aponta para a promoção de preocupações ambientais na condução do investimento e do comércio, tentando ampliar o trabalho comum na preservação ambiental e proteção da biodiversidade e tomando em consideração o processo de mudanças climáticas, conforme tem sido a revisão recente das posições chinesas, inclusive no âmbito das negociações sobre o Acordo de Paris.

INTEGRAÇÃO FINANCEIRA

A integração financeira é um ponto importante para a implementação da UCUR, e o poder financeiro chinês, alavancado pela constituição de ferramentas financeiras variadas no último período, como o Banco Asiático para Investimento em Infraestrutura (BAII), o Novo Banco de Desenvolvimento (NBD ou "Banco dos BRICS") e outras, são uma vantagem adicional para

“A China neste processo de levar adiante a UCUR, busca utilizar a sua alavancagem financeira para a construção de um sistema de estabilidade da moeda, investimento e financiamento e um sistema de informação de crédito”

a estratégia chinesa. Assim, a China neste processo de levar adiante a UCUR, busca utilizar a sua alavancagem financeira para a construção de um sistema de estabilidade da moeda, investimento e financiamento e um sistema de informação de crédito. A China busca ainda expandir o escopo e a escala do swap (sistema de trocas) e liquidação de moedas bilaterais com outros países (operações utilizando mecanismos variados de sistemas de pagamentos em moedas nacionais) abrangidos pela UCUR, criar e desenvolver o mercado de bônus (títulos que são oferecidos ao mercado para captação de recursos) na Ásia, fazer esforços conjuntos para operacionalizar o BAI e NBD, conduzir negociações entre partes interessadas no estabelecimento da instituição de financiamento da Organização de Cooperação de Xangai (em inglês, *Shanghai Cooperation Organization*, SCO), e criar e colocar em funcionamento o Fundo da Rota da Seda o mais cedo possível.

A China e os países participantes da UCUR poderiam ainda reforçar a cooperação prática da Associação Interbancária China-ASEAN³ e da Associação Interbancária SCO, e realizar cooperação financeira multilateral na forma de empréstimos consorciados e crédito bancário. A China apoia ainda os esforços dos governos dos países ao longo da UCUR e suas empresas e instituições financeiras com boa classificação de crédito para emitir títulos em moeda nacional chinesa (renminbi ou yuan) no próprio mercado chinês. Instituições financeiras e empresas chinesas qualificadas

são ainda encorajadas a emitir títulos tanto em moeda nacional chinesa quanto em moedas estrangeiras fora da China, e usar os fundos assim arrecadados em países participantes da UCUR — ou seja, a China oferece o seu mercado financeiro interno e o seu prestígio para alavancar recursos financeiros para os países e projetos participantes da UCUR.

Ao disponibilizar seus recursos e a possibilidade de alavancagem de recursos, a China também busca alguma proteção. Nesse sentido, o discurso da integração financeira é acompanhado de uma contrapartida de defesa do fortalecimento da cooperação na regulação financeira, do incentivo à elaboração de memorandos de entendimento sobre cooperação na regulação financeira bilateral e estabelecimento de mecanismos de coordenação da regulamentação financeira na região. Esses mecanismos de proteção buscam ainda melhorar o sistema de resposta ao risco e gestão de crises, através da criação de um sistema regional de alerta rápido para os riscos financeiros e criação de mecanismos de intercâmbio e cooperação para enfrentamento dos riscos e crises financeiras transfronteiriças, aumentar o intercâmbio e a cooperação transfronteiriça entre os reguladores de avaliação de crédito, instituições de avaliação de crédito e instituições de rating (avaliadores de risco). A ideia ainda é operacionalizar o papel do Fundo da Rota da Seda (fundo inicial criado com recursos do governo chinês e gerido pela China) e dos fundos soberanos dos países participantes da UCUR, e incentivar fundos de investimento de capital privado (“private equity funds”) e fundos privados a participarem da construção de projetos-chave da UCUR.

3. Sigla para a *Association of Southeast Asian Nations* (Associação de Nações do Sudeste Asiático), composta de Indonésia, Tailândia, Malásia, Cingapura, Vietnã, Filipinas, Myanmar (antiga Birmânia), Camboja, Brunei e Laos.



ALGUNS OUTROS ASPECTOS DA UCUR

O discurso e a proposta oficial dos chineses preveem ainda a cooperação em ciência e tecnologia, entre outros mecanismos como o estabelecimento de centros de pesquisa e laboratórios conjuntos, centros internacionais de transferência de tecnologia e centros de cooperação marítima, promovendo intercâmbios de pessoal técnico, cooperação na resolução de problemas tecnológicos e trabalho conjunto para melhorar a capacidade de inovação em ciência e tecnologia.

Outro ponto bastante interessante do discurso oficial chinês sobre a UCUR diz respeito ao aumento de intercâmbios e a cooperação entre organizações não-governamentais (ONGs) de países envolvidos na iniciativa (sem entrar no mérito de como definir quem deveria se envolver, quais organizações), organizando atividades de interesse público relacionadas à educação, saúde, redução da pobreza, biodiversidade e proteção ambiental para o benefício do público em geral e melhoria das condições de vida e produção de áreas de indigência nos países envolvidos. Propõe ainda o reforço de intercâmbios internacionais e a cooperação em cultura e mídia, e a alavancagem através da Internet e das novas ferramentas de mídia para promover um ambiente cultural e uma opinião pública não hostis. Propõe ainda o reforço dos mecanismos de cooperação multi e plurilateral existentes na região e dos quais participam os países envolvidos na iniciativa, como a já citada Organização de Cooperação de Xangai, ASEAN, APEC⁴, e outras.

No avanço da UCUR, a China planeja alavancar as vantagens comparativas de suas várias regiões, adotando uma estratégia de maior abertura, fortalecendo a interação e a cooperação entre as regiões Leste, Oeste e Central e melhorando de forma ampliada a abertura da economia chinesa. Esse ponto, a utilização da UCUR como um mecanismo também de integração e desenvolvimento econômico nacional da própria China é muito importante no discurso de defesa da estratégia e das propostas no interior do aparelho de poder chinês.⁵

Sobre este último ponto, é importante observar que o desenvolvimento urbano, industrial e financeiro chinês se concentra inicialmente na área costeira centro-norte da China (de Xangai em direção à fronteira coreana), e na área nordeste do país (onde está Beijing). Isso também se acelera pela forte conexão das cadeias produtivas chinesas com os setores produtivos

4. Organização para a Cooperação Econômica Ásia-Pacífico, sigla em inglês.

5. Ver Anexo 1.

de Coreia do Sul e Japão, também localizados naquela região. Mais ao sul, mas ainda na região costeira, existem também conexões importantes especialmente a partir deste século, com a reincorporação de Hong Kong e Macau ao espaço econômico chinês, com o poder financeiro destas duas áreas, especialmente. O universo territorial chinês, entretanto, é bastante mais amplo que sua área Nordeste e costeira (vale observar que além de ser o país de maior população no mundo, a China é o terceiro país em território, depois de Rússia e Canadá).

Assim, ao trabalhar para integrar o universo territorial chinês (e ao mesmo tempo reduzir as desigualdades das escalas de desenvolvimento, uma vez que essas regiões mais industrializadas e urbanizadas são também as mais ricas), a estratégia da UCUR se legitima politicamente entre os tomadores de decisão no interior da China e de seu aparato político-institucional. Se poderia observar que, em parte, o mesmo discurso poderia servir também para seduzir a integração dos russos ao projeto, uma vez que embora a região centro-oriental da Rússia tenha grande riqueza mineral e energética, essa área é muito fria e um grande vazio populacional — a área mais desenvolvida na Rússia se concentra na parte ocidental do país, mais próxima à Europa. A UCUR, neste sentido, funciona como uma poderosa ferramenta política de integração territorial e de estratégia de desenvolvimento para os chineses, para além da própria estratégia de envolvimento de outros países na Iniciativa.

A EMERGÊNCIA DA CHINA AO PROTAGONISMO

A economia chinesa passou por um enorme processo de reestruturação desde os anos 1980, seguindo de alguma forma um padrão histórico já trilhado por outros países asiáticos, como Japão e Coreia do Sul. Assim, a ampliação de exportações é importante em um primeiro momento no sentido de poder evitar restrições externas ao crescimento, mas a partir daí se busca uma elevação substancial do componente tecnológico nos bens produzidos — e exportados, e o desenvolvimento rápido do mercado de consumo interno, somado a investimentos em infraestrutura.

Além disso, o padrão em um primeiro momento inclui forte exportação de produtos primários e manufaturas de transformação de produtos naturais. Hoje, entretanto, a China é um enorme importador desses mesmos produtos — em 2010, era o principal consumidor mundial de alumínio, estanho, cobre, soja e zinco, e o segundo em açúcar e petróleo. A transformação da China em um grande exportador de produtos manufaturados, de produtos cada vez mais sofisticados tecnologicamente e intensivos em pesquisa e desenvolvimento, e em um importador de produtos básicos, reflete uma enorme transformação macroeconômica e na geopolítica de investimentos da China.

De um lado, transformando-se pouco a pouco em um país de perfil essencialmente manufatureiro, uma espécie de “fábrica internacional” onde operam transnacionais de todo o mundo, exportando a partir da China e gerando para os chineses possantes superávits comerciais, ao mesmo tempo em que mantém controles sobre os movimentos de capital e o câmbio, evitando a sobrevalorização de sua moeda, e reforçando o perfil exportador, a China acumula reservas rapidamente. O saldo comercial, que a partir de 2008 se situa em patamar superior a US\$ 200 bilhões/ano, com um coeficiente de exportações sobre o PIB superior a 25%, leva o volume de reservas chinês a patamares superiores (2015) a US\$ 3 trilhões.

A acumulação desse volume financeiro faz também com que a China passe a ser uma grande potência financeira, investindo pesadamente pelo mundo através de suas empresas e financiando projetos e países de seu interesse. Não é objetivo aqui o aprofundamento no conteúdo das transformações internas e internacionais da China, o que demandaria muito tempo e um considerável desvio nesse trabalho. Entretanto, o que vale compreender aqui é que, em especial a partir de 2008, com o objetivo de fortalecer esse movimento a China tanto demanda progressivamente uma ampliação de seu papel nas estruturas financeiras multilaterais existentes (como o FMI, o Banco Mundial, o Banco Asiático de Desenvolvimento, o Banco Africano de Desenvolvimento, entre outros) como intervém ativamente no sentido da construção de novas estruturas multilaterais, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, no âmbito dos países asiáticos, e o Novo Banco de Desenvolvimento, no âmbito dos países BRICS, ambos envolvendo complexas estruturas com a participação de vários países (no caso do NBD, até aqui, Brasil, Rússia, Índia e África do Sul, no caso do BAII inclui também vários países europeus e o Japão, entre outros).

É essa nova estratégia chinesa, de tentar garantir com o poderio financeiro a defesa estratégica de seus interesses que norteia uma mudança geopolítica muito importante, e um novo componente fundamental para entender o redesenho da arquitetura financeira internacional a partir de meados da primeira década deste século. Essa talvez seja a principal grande mudança na estrutura do sistema financeiro multilateral, e compreender essa alteração, e o que ela significa para o redesenho das instituições financeiras internacionais, é a chave para o entendimento das mudanças recentes no sistema financeiro globalizado, as principais depois de Bretton Woods e dos movimentos de liberalização financeira do final do século XX.

Se de um lado se entrou no novo século com a perspectiva do crescimento do papel do financiamento privado ao desenvolvimento, e esta perspectiva continua presente, defendida em especial pelos EUA em fóruns de discussão de financiamento ao desenvolvimento, esta perspectiva contrasta com outra, capitaneada pela China, de um novo crescimento de recursos públicos engrossando o sistema multilateral de financiamento ao desenvolvimento, e o contraste entre essas duas perspectivas não parece até aqui apontar uma resultante, mas apenas complexificar o processo de redesenho da nova arquitetura financeira internacional, muito mais regionalizada a partir dessa nova inserção chinesa.

Ao utilizar o seu novo e crescente poder financeiro para redesenhar a institucionalidade financeira multilateral, inclusive com a criação de novas ferramentas, a China prepara o caminho também para ampliar de forma exponencial a sua possibilidade de viabilizar suas estratégias e seus projetos em um mundo em transformação, o que adiciona enorme potencial de viabilidade a UCUR.

6. Xi Jinping, "Alcançar o Triunfo Definitivo de Concluir a Construção Integral de Uma Sociedade Moderadamente Abastecida e Conquistar a Grande Vitória do Socialismo com Características Chinesas na Nova Época", Discurso de Abertura do 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, Beijing, 18 de outubro de 2017, em: <https://bit.ly/20zg0Yy>

A ESTRATÉGIA CHINESA TRADUZIDA POLITICAMENTE — O DISCURSO DE XI JINPING⁶ EM 2017

Talvez uma leitura atenta do discurso do presidente chinês Xi Jinping na abertura do 19º Congresso do Partido Comunista Chinês em Pequim em 2017 possa dar uma noção mais clara da visão do país sobre a importância da UCUR dentro de uma estratégia de crescimento econômico e político da China, e da China no Mundo.

Depois das saudações de praxe ao Congresso e ao Partido, o presidente Xi menciona pela primeira vez a UCUR em um parágrafo dedicado aos "Grandes êxitos obtidos na construção econômica", onde a Iniciativa entra como segundo ponto da enumeração dos êxitos, atrás apenas da coordenação do desenvolvimento inter-regional. E, depois de citados projetos regionais, são citados projetos científicos e tecnológicos, associados não apenas à perspectiva de um desenvolvimento alavancado pela inovação tecnológica, mas também por referências a conexões entre essas iniciativas tecnológicas e o poder militar chinês (várias das iniciativas citadas têm essa articulação evidente). Finalmente, a citação dos êxitos é finalizada com a referência ao sucesso nos aspectos de comércio e investimento no exterior, o que reforça a própria citação da UCUR.⁷

Ao mesmo tempo, a UCUR é novamente referida como parte da estratégia diplomática do Estado chinês, aí incluídas as iniciativas internacionais de reforço ao poder financeiro da China. A China, pelo discurso do presidente Xi, mostra entender que o que chamam de "diplomacia de um grande país" inclui também e fortemente os aspectos financeiros, talvez inspirada no caminho percorrido até aqui pela diplomacia estadunidense, onde os aspectos financeiros e econômicos caminham lado a lado com diplomacia propriamente dita, cultura, aspectos militares e outros.⁸

Avançando em uma análise de construção de futuro do povo chinês, do Estado chinês e do PC Chinês, o presidente Xi conecta este futuro com uma perspectiva internacional, onde elementos que podem favorecer a China — como a estabilidade de regras das quais a China se aproveitou fortemente desde o começo do novo século, e que agora se apresentam ameaçadas em especial pelas novas estratégias nacionais dos EUA, com

7. "A coordenação do desenvolvimento entre regiões foi reforçada, e foram obtidos êxitos notáveis na construção da iniciativa Um Cinturão e Uma Rota, no desenvolvimento coordenado da Região Pequim-Tianjin-Hebei e no desenvolvimento da Faixa Econômica do Rio Yangtzé. Foi posta em prática com grandes esforços a estratégia de desenvolvimento impulsionado pela inovação, e foram obtidos resultados frutíferos na construção de um país inovador. Foram postos em funcionamento importantes frutos científicos e tecnológicos, como a estação espacial Tiangong, o submersível tripulado Jiaolong, o maior radiotelescópio esférico do mundo, Tianyan (FAST, na sigla em inglês), o explorador de partículas de matéria escura Wuhong (DAMPE), o satélite de comunicação quântica Mozi (QUESS) e o avião de grande porte C919. Foi impulsionada ativamente a construção de ilhas e recifes no Mar do Sul da China. O novo sistema da economia aberta vem se aperfeiçoando gradualmente. O comércio exterior, o investimento no exterior e as reservas de divisas do país permanecem com segurança na dianteira do mundo", Xi Jinping, *idem*.

8. "Impulsionamos plenamente a diplomacia de um grande país com características chinesas e estabelecemos uma disposição diplomática onidirecional, multifacetada e tridimensional, criando condições externas favoráveis para o desenvolvimento do país. Foi posta em prática a iniciativa da construção conjunta de Um Cinturão e Uma Rota, foi

sugerido e fundado o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (BAII), criou-se o Fundo da Rota da Seda; patrocinamos o primeiro Fórum da Cooperação Internacional de Um Cinturão e Uma Rota, a Reunião Não Oficial de Líderes da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (APEC), a Cúpula do G20 em Hangzhou, a Cúpula do BRICS em Xiamen e a Cúpula da Conferência sobre Interação e Medidas de Construção da Confiança na Ásia (CICA). Formulamos a proposta de formar uma comunidade de destino comum da humanidade e promovemos a reforma do sistema de governança global. As forças de influência, inspiração e modelação internacional da China foram ainda mais elevadas, fazendo novas e importantes contribuições à paz e ao desenvolvimento mundial." Xi Jinping, *ibidem*.

9. "O sonho do povo chinês está intimamente ligado ao sonho de todos os outros povos do mundo, e a realização do sonho chinês não pode prescindir de um ambiente internacional pacífico e uma ordem internacional estável. Devemos considerar de forma mais equilibrada e em seu conjunto a situação interna e externa, seguir com firmeza o caminho do desenvolvimento pacífico, e aplicar inabalavelmente a estratégia de abertura baseada no benefício recíproco e na relação ganha-ganha. Temos de aderir aos valores corretos da justiça e dos interesses, adotar um novo conceito de segurança comum, integral, cooperativa e sustentável, e buscar uma

o Governo Trump e a paz — devem ser fortemente defendidos em sua continuidade. Talvez esse tipo de estratégia aproxime também a China da União Europeia, em especial da Alemanha, outra grande beneficiária do status quo vigente desde o início desse século.⁹

Um pouco mais adiante o discurso do presidente Xi desenha o que entende deve ser o estabelecimento de um conceito moderno de desenvolvimento por parte da China. Neste desenho, uma ênfase importante na indústria, em especial à chamada Indústria 4.0 (conectada às inovações tecnológicas recentes, como tecnologias de informação, robótica e outras, e futuras, como a inteligência artificial), preocupações ambientais, modernização de setores tradicionais, crescimento da economia de serviços e expansão e modernização da infraestrutura. Existem preocupações quanto ao desenvolvimento tecnológico e o equacionamento da importante questão rural chinesa, vinculada pelo discurso à questão da segurança alimentar. E subsiste uma forte preocupação com a questão regional chinesa, com conectar com o desenvolvimento e promover a urbanização das grandes áreas do Oeste da China, estratégia com a qual, como dito anteriormente, a UCUR pode ser um elemento dinamizador.¹⁰

Finalmente, é ressaltada a importância de um mundo em que as transformações pelas quais está passando se desenvolvam dentro de um ambiente de prevalência do multilateralismo e de um aprofundamento do ordenamento institucional entre os países como forma de resolver questões de desenvolvimento e tensões regionais. A China rejeita textualmente, no discurso de seu presidente, o mundo bipolar da Guerra Fria. E, nesses marcos, entende a China que se dá a defesa de seus interesses nacionais, de um lado, mas também o desenvolvimento de projetos multilaterais, como a UCUR.

IMPACTOS NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL

Em especial ao longo desse novo século, a China tem ampliado enormemente suas relações de comércio e investimentos com a América Latina e o Caribe.

Na área de comércio, o crescimento ao longo deste século foi enorme, chegando nos últimos 15 anos a um pico do total de comércio de mais de US\$ 270 bilhões. Apesar do grande volume, olhando de perto o saldo comercial é negativo para a América Latina e Caribe. Além disso, enquanto as exportações latino-americanas e caribenhas para a China se concentram em torno de dois terços em produtos primários, as importações de produtos chineses pela América Latina e Caribe se concentram quase que na mesma proporção em produtos manufaturados de média e alta tecnologia. Isso acaba sendo altamente benéfico para a China, que obtém seu saldo com produtos manufaturados de alto valor agregado, recebendo em troca produtos primários importantes para o seu processamento industrial, mas de baixo valor agregado. Assim, apesar do discurso chinês de um desenvolvimento harmônico e compartilhado, a configuração das trocas entre a região e a China segue um padrão colonial, de produtos primários por manufaturados, e nesse caso, manufaturados de alto valor, tendo ainda a desvantagem adicional de operar com saldo negativo para a América Latina e Caribe. Seguindo esse caminho, apesar da importância estratégica da China, a América Latina e Caribe (com a exceção de uns poucos países da região que conseguem algum saldo com a China) operaria em uma condição desfavorável com o parceiro do Extremo Oriente.

Por outro lado, no que diz respeito aos investimentos, enquanto entre 1990 e 2009 teriam entrado cerca de pouco mais de US\$ 7 bilhões de investimento direto chinês na América Latina e Caribe, a partir daí, entre 2010 e 2015 a média anual teria passado para cerca de US\$ 9,5 bilhões¹¹. Esse número, entretanto, deve se encontrar subestimado pelo fato tanto de que o investimento chinês muitas vezes se dá a partir de suas empresas em terceiros países, como pelo fato de que o poder financeiro chinês também se viabiliza por volumosos empréstimos a partir de seus bancos de fomento ao comércio e investimento.

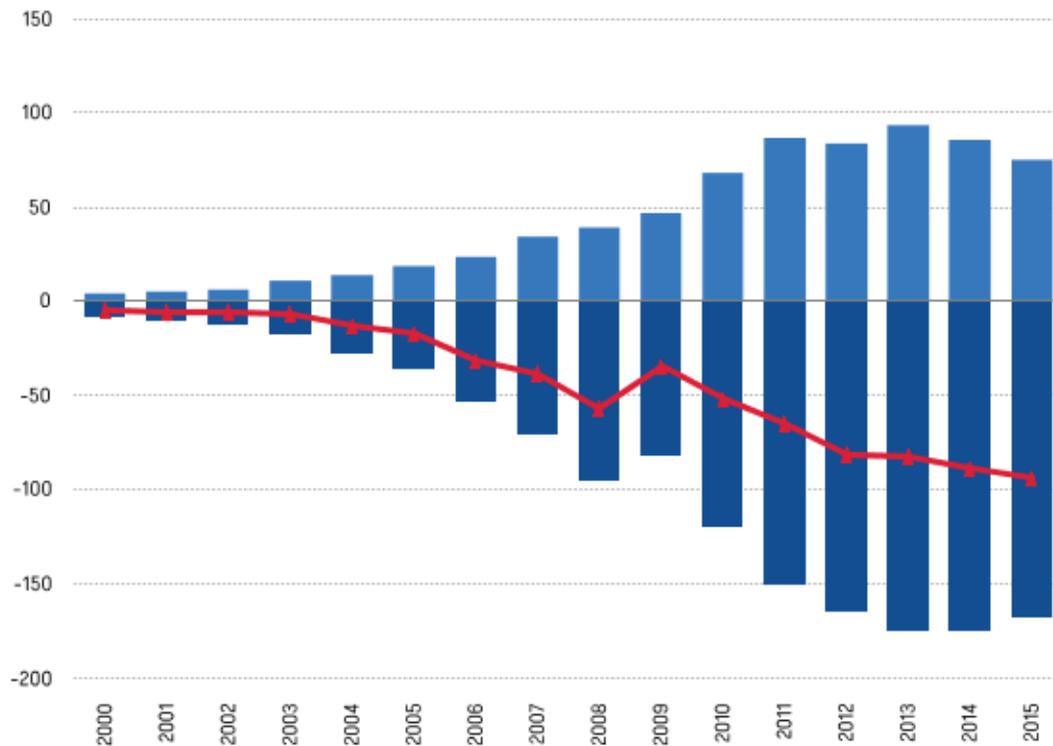
perspectiva de desenvolvimento de abertura, inovação, inclusão e benefício recíproco. Devemos promover o intercâmbio entre civilizações caracterizado pela harmonia na diversidade e pela assimilação indiscriminada de todos os aspectos positivos, e construir um sistema ecológico com respeito à Natureza e baseado no desenvolvimento verde, atuando sempre como construtor da paz mundial, contribuinte do desenvolvimento mundial e defensor da ordem internacional." Xi Jinping, *ibidem*.

10. Ver Anexo 1.

11. CEPAL, *Relaciones económicas entre América Latina y el Caribe y China: Oportunidades y Desafíos*, Naciones Unidas, Santiago de Chile, Noviembre 2016, p. 40.

AMÉRICA LATINA E CARIBE E CHINA

COMÉRCIO | 2000-2015 (EM BILHÕES DE US\$)



■ EXPORTAÇÃO
 ■ IMPORTAÇÃO
 + SALDO

Assim, pela importância da China para a América Latina e Caribe e vice-versa (nesse último caso como estratégico fornecedor de matérias primas), não foi novidade ao final de janeiro de 2018, durante o II Fórum Ministerial entre China e CELAC (Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos) realizada em Santiago, Chile, quando as delegações chinesa liderada pelo Ministro de Relações Exteriores Wang Yi e da CELAC discutiram o tema de uma possível inclusão da América Latina e Caribe na iniciativa UCUR, sendo que já naquele momento vários países latino-americanos responderam com sinalizações positivas à iniciativa, como foram os casos de Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador,

FONTE: Elaboração própria, a partir de FMI/UNCTAD, WITS (World Integrated Trade Solution), vários anos.

Panamá, Peru e Venezuela, países que solicitaram suas participações no Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura, assim como participam de acordos bilaterais negociados ou em discussão com a China.

Essa sinalização positiva, entretanto, tende a ser um grande problema futuro para a região. O padrão de trocas que está cristalizado na proposta chinesa (*commodities* agrícolas, energéticas e minerais da América Latina e Caribe contra produtos manufaturados da China) reproduz em realidade uma estrutura de padrão colonial há muito conhecida — e questionada — pelos países da região. Se não for condicionada por uma política fiscal forte por parte do Estado, que se aproprie de parte expressiva da renda exportadora para conduzir programas de redistribuição de renda, tende a ser um modelo altamente concentrador de renda. Além disso, o desenvolvimento baseado no extrativismo tem na região toda uma memória dos seus enormes impactos negativos ao meio ambiente, não só pelo impacto direto, mas pela combinação deste com toda malha de infraestrutura necessária a exportação dos produtos.

A EXPANSÃO PROGRAMADA DO PODER CHINÊS

A UCUR, tal qual planejada pelo atual governo chinês, é uma projeção de poder econômico e geopolítico da China no cenário regional e internacional, além de se articular com o próprio projeto nacional de desenvolvimento chinês, em especial no que diz respeito a dar dinamismo ao interior e oeste da China, visando ampliar para o conjunto do país o desenvolvimento que hoje se concentra nas áreas costeira e nordeste chinesas, com a conexão central da cadeia produtiva que envolve a própria China, Japão e Coreia do Sul.

Assim, o projeto na sua versão explicitada e defendida pela cúpula do governo chinês busca articular uma estratégia de desenvolvimento nacional a uma estratégia coerente de desenvolvimento regional e internacional de médio e longo prazos. Essa capacidade de articulação e planejamento, além da utilização dos mais variados mecanismos existentes e em construção, financeiros, tecnológicos e de conexões produtivas, é

fundamental para difundir o mecanismo entre os países que podem ser envolvidos não apenas como possível, mas como fundamental a uma estratégia de desenvolvimento.

O projeto mobiliza capacidade diplomática e o poder financeiro chinês, conectado aos instrumentos financeiros regionais e multilaterais construídos no período recente pela China. Pensado a princípio como um projeto que permitiria uma interconexão maior entre a estrutura produtiva do Extremo Oriente e o mercado consumidor europeu, a UCUR hoje é muito mais ampla do que isso. Envolve propostas de formação de cadeias produtivas regionais na Ásia, interconexão de infraestruturas de transportes e comunicações, e formação de mecanismos regionais e multilaterais de governabilidade da estrutura que vai sendo montada. Do ponto de vista geopolítico, confronta com uma estratégia negociada a estratégia mais confrontativa e imperial dos EUA, e aí reside uma forte dúvida a respeito de sua possibilidade de expansão em uma área onde nas últimas décadas têm prevalecido as tensões nacionais e regionais — isso vale tanto para a Ásia Central e o Sul da Ásia, como para o Oriente Médio e as antigas repúblicas soviéticas na Europa. O aumento de tensões trabalha no sentido de inviabilizar os projetos associados à iniciativa, ou pelo menos dificultá-los de maneira crescente.

Tal como pensado inicialmente, a UCUR supõe um sistema internacional de regulação muito próximo ao status quo vigente na primeira década do novo século, ambiente no qual a China trafegou com seu desenvolvimento e suas propostas em ambiente dos mais confortáveis. Isso implica pensar a cristalização de alguns elementos que estão presentes no discurso oficial de defesa da UCUR, como a proliferação de acordos de livre-comércio e acordos internacionais de garantia de investimentos, o que é essencial para os marcos institucionais em que transitará no futuro, em sua operação, a iniciativa.

A possibilidade de expandi-lo a outras áreas com forte conexão com a economia chinesa como fornecedores de matérias primas e consumidores de produtos manufatureiros chineses, como países africanos (em especial no litoral do Oceano Índico) e mesmo os distantes países latino-americanos reforça a ideia da expansão geopolítica chinesa, e hoje, pelo desenho apresentado até aqui, mais cristaliza a forma de conexão desses países com

a economia e o desenvolvimento chinês do que abre novas perspectivas de desenvolvimento, em especial de algum desenvolvimento de novo tipo. É preciso ter ainda em consideração que uma integração mais aprofundada da América Latina e Caribe ao projeto chinês provavelmente aumenta as tensões geopolíticas entre China e EUA, e pode contribuir para inviabilizar a UCUR na sua estrutura central euroasiática. Entretanto, não se deve descartar nenhuma possibilidade em um cenário internacional com enormes possibilidades de mudanças profundas.

Visto dessa forma, se tem uma percepção maior da ambição que embasa a ofensiva chinesa com esse projeto, muito para além simplesmente de um cinturão e uma rota comercial. O cinturão em questão parece objetivar “amarrar” os países participantes da UCUR a uma estratégia de poder chinesa de longo prazo, que projeta seu poderio pelo mundo numa reconfiguração de profundas consequências para o futuro de todas as nações e da disputa geopolítica das próximas décadas, no contexto de uma globalização que encontra resistências cada vez maiores em muitas partes, especial (e ironicamente) naqueles países que mais a promoveram nos últimos trinta anos. Quais serão as características do sistema de poder global dentro de vinte, trinta anos, é muito difícil de saber. Mas as tendências atuais nos permitem ter uma ideia geral a respeito. Esperamos que esse trabalho tenha contribuído com essa compreensão.

ANEXOS

ANEXO I

Trechos do documento "Plano de Ação para a Iniciativa Um Cinturão, uma Rota", que resultam relevantes para compreender a forma em que a China visa a integração dessa iniciativa com a expansão econômica em seu próprio território, o que pode contribuir de forma decisiva na superação do padrão de integração chinesa ao comércio mundial nos últimos anos, fortemente baseado na consolidação de polos exportadores. O fortalecimento a integração do interior do país à economia globalizada é parte central da UCUR.

"PLANO DE AÇÃO PARA A INICIATIVA UM CINTURÃO, UMA ROTA". SEÇÃO VI.

Regiões da China em busca de abertura

No avanço da "Iniciativa Um Cinturão, uma Rota", a China alavancará plenamente as vantagens comparativas de suas várias regiões, adotará uma estratégia proativa de maior abertura, fortalecerá a interação e a cooperação entre as regiões leste, oeste e central e melhorará de forma abrangente a abertura das regiões da economia chinesa.

Regiões Noroeste e Nordeste. Devemos fazer bom uso das vantagens geográficas de Xinjiang e seu papel como uma janela de abertura para o oeste para aprofundar a comunicação e a cooperação com os países da Ásia Central, do Sul e Ocidental, torná-lo um importante centro de transporte, comércio, logística, cultura, ciência e educação e uma área central no Cinturão Econômico da Rota da Seda. Devemos dar total alcance às forças econômicas e culturais das províncias de Shaanxi e

Gansu e às vantagens étnicas e culturais da região autônoma de Ningxia Hui e da província de Qinghai, construir Xi'an como um novo foco de reforma e abertura no interior da China, acelerar o desenvolvimento e a abertura de cidades como Lanzhou e Xining e avançar na construção da Zona Econômica Piloto de Ningxia com o objetivo de criar canais estratégicos, centros comerciais e logísticos e bases importantes para intercâmbios industriais e culturais abertos aos países da Ásia Central, do Sul e Ocidental. Devemos dar atenção total à proximidade do interior da Mongólia com a Mongólia e com a Rússia, melhorar as ligações ferroviárias que ligam a província de Heilongjiang à Rússia e à rede ferroviária regional, reforçar a cooperação entre as províncias chinesas de Heilongjiang, Jilin e Liaoning e a região do Extremo Oriente da Rússia em transportes marítimos multimodais e avançar a construção de um corredor de transporte de alta velocidade da Eurásia ligando Pequim e Moscou com o objetivo de construir janelas-chave que se abrem para o norte.

Região Sudoeste. Devemos dar a máxima importância à vantagem única da região autônoma de Guangxi Zhuang como vizinha dos países da ASEAN, acelerar a abertura e desenvolvimento da Zona Econômica do Golfo de Beibu e da Zona Econômica do Rio das Pérolas-Xijiang, construir um corredor internacional aberto à região da ASEAN, criar novas âncoras estratégicas para a abertura e o desenvolvimento das regiões Sudoeste e Centro-Sul da China, formando um importante portal que conecta o Cinturão Econômico da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI. Devemos aproveitar bem a vantagem geográfica da província de Yunnan, avançar na construção de um corredor de transporte internacional ligando a China a países vizinhos, desenvolver com renovada ênfase a cooperação econômica na região do Grande Mekong e fazer da região um pivô da abertura da China para o Sul e Sudeste da Ásia. Devemos promover o comércio fronteiriço e a cooperação turística e cultural entre a região autônoma do Tibete e os países vizinhos, como o Nepal.

Regiões costeiras e Hong Kong, Macau e Taiwan. Devemos alavancar as forças do Delta do Rio Yangtzé, Delta do Rio das Pérolas, costa oeste do Estreito de Taiwan, Bohai Rim e outras áreas com zonas econômicas com um alto nível de abertura, robustez econômica e forte papel catalisador, acelerar o desenvolvimento da Zona de Livre Comércio Piloto da China (Shanghai), e apoiar a província de Fujian em se tornar uma área central da Rota da Seda Marítima do Século XXI. Devemos dar total projeção ao papel de Qianhai (Shenzhen), Nansha (Guangzhou), Hengqin (Zhuhai) e Pingtan (Fujian) na abertura e cooperação, aprofundando a sua cooperação com Hong Kong, Macau e Taiwan e ajudando a construir a Área da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau. Devemos promover o desenvolvimento da Zona de Demonstração de Desenvolvimento da Economia Marinha de Zhejiang, da Zona Piloto de Economia Marinha de Fujian e da Nova Área do Arquipélago de Zhoushan, além de abrir a província de Hainan como uma ilha internacional de turismo. Devemos reforçar a construção do porto de cidades costeiras, como Xangai, Tianjin, Ningbo-Zhoushan, Cantão, Shenzhen, Zhanjiang, Shantou, Qingdao, Yantai, Dalian, Fuzhou, Xiamen, Quanzhou, Haikou e Sanya, e fortalecer as funções de hubs internacionais de aeroportos como Xangai e Guangzhou.

Devemos utilizar a abertura para motivar estas áreas a proceder a reformas mais profundas, criar novos sistemas e mecanismos de economia aberta, intensificar a inovação científica e tecnológica, desenvolver novas vantagens para participar de e liderar a cooperação e concorrência internacionais e tornar-se a principal força na Iniciativa Um Cinturão, Uma Rota, particularmente na construção da Rota da Seda Marítima do Século XXI. Devemos alavancar o papel único da diáspora chinesa assim como das Regiões Administrativas Especiais de Hong Kong e Macau e incentivá-las a participar e a contribuir para a Iniciativa Um Cinturão, Uma Rota. Devemos também fazer arranjos apropriados para que a região de Taiwan faça parte desse esforço.

12. O conceito de 'processing trade' refere-se à atividade comercial de importação total ou parcial da matéria-prima e produtos auxiliares (peças e componentes, acessórios e materiais de embalagem) do exterior e à reexportação dos produtos acabados após o processamento ou montagem por empresas localizadas no país importador. N. d. E. Não encontramos uma expressão adequada em português.

Regiões do interior. Devemos aproveitar as vantagens das regiões do interior, as quais compreendem uma vasta massa de terra, recursos humanos ricos e uma forte base industrial, concentrando-nos em regiões-chave como os aglomerados urbanos ao longo do curso médio do rio Yangtzé, em torno de Chengdu e Chongqing, na Província de Henan; em torno de Hohhot, Baotou, Erdos e Yulin, e em torno de Harbin e Changchun, para impulsionar a interação regional e a cooperação e concentração industrial. Devemos constituir Chongqing em um importante pivô para o desenvolvimento e a abertura da região Oeste, e fazer com que Chengdu, Zhengzhou, Wuhan, Changsha, Nanchang e Hefei liderem as áreas de abertura nas regiões do interior. Devemos acelerar a cooperação entre as regiões no curso superior e médio do rio Yangtzé e suas contrapartes ao longo do rio Volga, na Rússia. Devemos estabelecer mecanismos de coordenação em termos de transporte ferroviário e despacho alfandegário para o corredor China-Europa, cultivar a marca “trens de carga China-Europa” e construir um corredor de transporte transfronteiriço conectando as regiões Leste, Central e Oeste. Devemos apoiar as cidades do interior, como Zhengzhou e Xi'an, na construção de aeroportos e portos terrestres internacionais, fortalecer a cooperação de despacho aduaneiro entre portos no interior e portos nas regiões costeiras e fronteiriças e lançar serviços piloto de comércio eletrônico para o comércio transfronteiriço. Devemos otimizar a configuração das áreas de fiscalização aduaneira especial, desenvolver novos modelos de comércio de processamento¹² e aprofundar a cooperação industrial com os países ao longo do Cinturão e da Rota”.

FONTE: The State Council — The People's Republic of China. “Full text: Action plan on the Belt and Road Initiative”, em: <https://bit.ly/119dXne>. Acesso em: 19/10/2018.

ANEXO 2

Trechos do Discurso de Xi Jinping na Abertura do 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, titulado: “Alcançar o triunfo definitivo de concluir a construção integral de uma sociedade moderadamente abastecida e conquistar a Grande Vitória do Socialismo com características chinesas na Nova Época”, pronunciado em Pequim, 18 de outubro de 2017. Nesse discurso, fica evidente a linha de transformação econômica perseguida pela China na atualidade, se destacando no intuito de sobrepujar a fase anterior baseada na integração parcial ao mercado mundial, mas com poucas sinergias com relação a um desenvolvimento interno mais robusto.

IMPLEMENTAR NOVOS CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO E CONSTRUIR UM SISTEMA ECONÔMICO MODERNIZADO

Para alcançar as metas dos “dois centenários”, concretizar o sonho chinês da grande revitalização da nação chinesa e elevar constantemente o nível de vida da população, devemos tomar firmemente o desenvolvimento como tarefa primordial do Partido para administrar e desenvolver o país, e ao mesmo tempo, persistir em emancipar e desenvolver as forças produtivas sociais, persistir no rumo de reforma da economia de mercado socialista, e promover o desenvolvimento econômico contínuo e sadio.

Com a transferência de uma fase de rápida expansão para a de crescimento de alta qualidade, a economia do nosso país se encontra no momento crucial de transformar o modelo de crescimento, aprimorar a estrutura econômica e transformar a força motriz de desenvolvimento. Neste contexto, a construção de um sistema econômico modernizado constitui uma necessidade urgente para ultrapassar essa etapa decisiva, bem como uma meta estratégica de desenvolvimento do nosso país. Persistindo na qualidade em primeiro lugar e prioridade na eficiência, e tendo como

linha principal a reforma estrutural do lado da oferta, devemos promover as transformações relativas à qualidade, à eficiência e às forças motrizes do desenvolvimento econômico, elevar a produtividade total dos fatores, e nos esforçar por acelerar a construção de um sistema industrial caracterizado pelo desenvolvimento coordenado da economia real, inovação científica e tecnológica, finanças modernas e recursos humanos, assim como estabelecer um sistema econômico caracterizado por um mecanismo de mercado eficaz, micro protagonista dinâmico e macrocontrole adequado, de modo a reforçar constantemente a capacidade de inovação e competitividade econômica do nosso país.

1. Aprofundar a reforma estrutural do lado da oferta. Para construir um sistema econômico modernizado, devemos centralizar nossos esforços na economia real, focalizar na melhoria da qualidade do sistema de oferta, e reforçar consideravelmente a vantagem de qualidade da nossa economia. Devemos acelerar a construção de um país forte na área manufatureira, acelerar o desenvolvimento da indústria manufatureira avançada, e incentivar a integração aprofundada da internet com os megadados, a inteligência artificial e a economia real, formando novos pontos de crescimento e novas forças motrizes nos aspectos de consumo mid e high-end, inovação como fator impulsionador, economia verde e de baixo carbono, economia compartilhada, cadeia de oferta moderna e serviços de bens de recursos humanos. Devemos apoiar o aprimoramento e a atualização das indústrias tradicionais e acelerar o desenvolvimento do setor de serviços modernos, elevando o seu nível conforme padrões internacionais. Precisamos elevar as indústrias do nosso país para o nível médio e alto da cadeia de valor global, e cultivar alguns agrupamentos manufatureiros internacionalmente avançados. Precisamos reforçar a construção de uma rede de infraestruturas hidráulica, ferroviária, rodoviária, de navegação fluvial, aviação,

tubagem, de rede elétrica, informação e logística. Precisamos levar a cabo com firmeza os cortes no excesso da capacidade produtiva, a eliminação do estoque em excesso, a desalavancagem, a redução de custos de empresas e a remediação de lacunas, aprimorar a distribuição de recursos estocados e reforçar a oferta de alta qualidade, a fim de concretizar um equilíbrio dinâmico entre a oferta e a demanda. Precisamos estimular e proteger o espírito empreendedor, e encorajar mais protagonistas sociais a se lançarem à inovação e ao empreendedorismo. Precisamos construir um grande contingente de trabalhadores orientado pelo conhecimento, habilidades técnicas e inovação, disseminar o espírito de trabalhador-modelo e de artesão, e cultivar uma tendência social de honrar o trabalho e um espírito profissional de busca pela perfeição.

2. Acelerar a construção de um país inovador. A inovação constitui a força motriz primária para o desenvolvimento e o suporte estratégico para construir um sistema econômico modernizado. Com olhares focados na vanguarda da ciência e da tecnologia mundial, precisamos reforçar a pesquisa básica e alcançar grandes progressos em relação à pesquisa básica de perspectiva e aos resultados originais orientadores. Há que se reforçar a pesquisa básica dedicada à aplicação, ampliar a implementação dos grandes programas científicos e tecnológicos nacionais, e incentivar a inovação referente à tecnologia genérica crucial, tecnologia pioneira e orientadora, tecnologia de engenharia moderna e tecnologia disruptiva, a fim de fornecer um suporte efetivo à construção de um país forte em ciência e tecnologia, em qualidade, no setor aeroespacial, no ciberespaço, e nos transportes, de uma China digital e de uma sociedade inteligente. Há que se intensificar a construção do sistema nacional de inovação e desenvolver as forças científicas e tecnológicas estratégicas. Há que se aprofundar a reforma do sistema científico e tecnológico, estabelecer um

sistema de inovação tecnológica orientado pelo mercado, tendo empresas como o principal, e caracterizado por uma profunda integração entre as empresas, universidades e instituições de pesquisa, assim como reforçar o apoio à inovação das pequenas e médias empresas e incentivar a transformação dos resultados científicos e tecnológicos. Precisamos promover a cultura da inovação e reforçar a aquisição, proteção e aplicação do direito de propriedade intelectual. Há que se formar uma grande quantidade de talentos estratégicos, talentos pioneiros e talentos jovens de excelência internacional na área científica e tecnológica, bem como criar equipes de inovação de alto nível.

3. Implementar a estratégia de revigoração do meio rural. Tendo em consideração o caráter fundamental das questões relacionadas à agricultura, ao meio rural e ao agricultor no desenvolvimento do país e do bem-estar da população, há que se tomar sempre esses três aspetos como tarefa primordial da agenda do trabalho de todo o Partido. Há que se persistir no desenvolvimento prioritário da agricultura e da zona rural, e criar e aperfeiçoar os mecanismos, sistemas e políticas sobre o desenvolvimento integrado do meio urbano e rural conforme a exigência geral de um desenvolvimento setorial robusto, meio ambiente mais habitável, costumes civilizados, administração eficaz e vida próspera, para acelerar a modernização agrícola e do campo. Devemos consolidar e aperfeiçoar os sistemas básicos de gestão rural, aprofundar a reforma do sistema de terras rurais e aprimorar o sistema de “separação dos três direitos” (de propriedade, de contratação e de gestão) das terras contratadas. Devemos manter estável e inalterada por longo tempo a relação firmada pela contratação da terra, e renová-la por mais 30 anos depois de terem vencido os prazos dos contratos da sua segunda rodada. Devemos levar adiante a reforma

do sistema de propriedade coletiva da zona rural, protegendo os direitos e interesses de bens dos agricultores e expandindo a economia coletiva. Precisamos garantir a segurança alimentar do país, mantendo firmemente a tigela dos chineses em nossas próprias mãos. Precisamos estabelecer os sistemas de indústria, de produção e de gestão voltados à agricultura moderna, aprimorar o sistema de apoio e proteção à agricultura, fomentar a gestão multiforme e de dimensão apropriada, formar gestores agrícolas dentro de um novo modelo, aperfeiçoar o sistema de serviços agrícolas socializados, e permitir aos pequenos agricultores uma conexão orgânica à agricultura moderna. Precisamos promover o desenvolvimento integrado da primeira, segunda e terceira indústria na zona rural, apoiar e incentivar o emprego e o empreendedorismo dos agricultores e abrir-lhes mais canais de rendimento. Precisamos reforçar o trabalho básico nas entidades de base no campo, e aperfeiçoar o sistema de administração agrária que combina a autoadministração e a administração conforme a lei e as normas éticas. Precisamos formar uma equipe de trabalho que conheça a agricultura e tenha afeto pelo campo e pelos camponeses.

4. Implementar a estratégia de desenvolvimento coordenado regional. Iremos reforçar o apoio à aceleração do desenvolvimento das antigas áreas da base revolucionária, das áreas de minorias étnicas e das regiões fronteiriças e pobres, acentuar medidas para formar uma nova conjuntura do Grande Desenvolvimento do Oeste, aprofundar a reforma para acelerar o revigoração do nordeste e outras antigas bases industriais, desenvolver novas vantagens para impulsionar a ascensão da região central, e fazer uso do papel orientador da inovação para concretizar primeiro o desenvolvimento aprimorado do leste, de modo a estabelecer um novo mecanismo mais eficaz de desenvolvimento coordenado regional. Criaremos, com base nas

aglomerações urbanas, uma estrutura urbana na qual as pequenas, médias e grandes cidade, tanto quanto as pequenas vilas, se desenvolvam de forma coordenada, e aceleraremos a urbanização da população migrante rural. Incentivaremos o desenvolvimento integrado da região Pequim-Tianjin-Hebei com a descentralização das funções de Pequim não correspondentes à sua posição como capital do país. Planejaremos desde um elevado ponto de partida e construiremos a partir de elevados critérios internacionais a Nova Zona de Xiong'an. Precisamos promover o progresso da Faixa Econômica do Rio Yangtzé, seguindo o princípio de proteção profunda e completa ao invés de exploração excessiva e desordenada. Apoiaremos a transformação do desenvolvimento econômico nas regiões dependentes de seus recursos naturais. Incentivaremos o desenvolvimento das regiões fronteiriças e garantiremos sua consolidação e segurança. Persistiremos numa abordagem integrada do desenvolvimento terrestre e marítimo, e aceleraremos a construção de um país poderoso na atuação marítima.

5. Acelerar o aperfeiçoamento do sistema de economia de mercado socialista.

A reforma do sistema econômico deve se focalizar tanto no aperfeiçoamento do sistema de propriedade quanto na distribuição dos fatores de produção orientada para o mercado, de modo a obter um incentivo eficaz dos direitos de propriedade aos possesores, o livre fluxo de tais fatores, a reação ágil dos preços, a competição justa e ordenada, e a sobrevivência das empresas mais aptas. Há que se aprimorar o sistema de administração dos diversos tipos de ativos estatais, reformar o sistema de gestão autorizada de capital estatal; acelerar a otimização da distribuição da economia de propriedade estatal, seu reajuste estrutural e sua reestruturação estratégica; reforçar a manutenção e o aumento do valor dos ativos estatais; tornar os capitais estatais mais fortes, avançados e maiores, e prevenir efetivamente

a fuga dos ativos estatais. Temos de aprofundar a reforma das empresas estatais, desenvolver a economia de propriedade mista, e formar empresas de excelência internacional e com competitividade global. Temos de implementar em todos os setores o sistema de listas negativas para o acesso ao mercado, revisar e anular todos os regulamentos e práticas que obstruam o mercado unificado e a competição justa, apoiar o desenvolvimento das empresas não públicas e estimular o vigor de todo tipo de protagonistas do mercado. Há que se aprofundar a reforma do sistema mercantil, romper o monopólio administrativo, prevenir a monopolização de mercado, acelerar a reforma dos preços de fatores de produção orientados para o mercado, relaxar as restrições à entrada do setor de serviços, e aperfeiçoar o sistema de supervisão e administração do mercado. Temos de inovar e aprimorar o macrocontrole, pôr em funcionamento o papel orientador estratégico dos programas de desenvolvimento nacional, e aperfeiçoar o mecanismo de coordenação das políticas econômicas, como as fiscais, monetárias, industriais e regionais. Temos de melhorar os mecanismos e sistemas de incentivo ao consumo e reforçar o seu papel básico para o desenvolvimento econômico. Temos de levar adiante a reforma do investimento e financiamento, valorizando o papel decisivo do investimento sobre o aprimoramento da estrutura da oferta. Temos de acelerar a criação de um sistema fiscal moderno, e estabelecer uma relação fiscal entre o governo central e os governos locais caracterizada pela definição clara das atribuições e responsabilidades, coordenação dos recursos financeiros e pelo equilíbrio regional. Temos de criar um sistema orçamentário integral, regulamentado, transparente, padronizado e científico e de força coerciva efetiva, e aplicar de forma integral uma administração baseada na avaliação de resultados. Temos de aprofundar a reforma do sistema tributário e aperfeiçoar o sistema de impostos locais. Temos de aprofundar a reforma do sistema financeiro, reforçar a capacidade do setor financeiro de servir a economia real, elevar a proporção do financiamento direto, e promover

o desenvolvimento saudável do mercado de capitais em múltiplos níveis. Temos de aprimorar a estrutura de reajuste que tem como dois pilares a política monetária e a política macroprudente, e aprofundar a reforma das taxas de câmbio e de juros baseadas no mercado. Precisamos aperfeiçoar o sistema de supervisão e administração financeira, bem como cumprir a exigência mínima de evitar a ocorrência dos riscos financeiros sistemáticos.

6. Promover a formação de uma nova conjuntura de abertura integral. A abertura traz o progresso enquanto o fechamento resulta em atraso. A porta da China ao exterior, ao invés de se fechar, estará cada vez mais aberta. Focalizando-se na construção de Um Cinturão e Uma Rota, há que se dar a mesma importância à introdução ao país e à saída ao exterior, seguir o princípio de consulta mútua, construção conjunta e compartilhamento, e reforçar a abertura e cooperação da capacidade inovadora, a fim de formar uma conjuntura de abertura caracterizada pela interação do interior e do exterior via terrestre e marítima, e pela ajuda mútua entre regiões leste e oeste. Há que se expandir o comércio exterior e formar novos segmentos operativos e modelos comerciais a fim de promover a construção de um país poderoso no comércio. Há que se aplicar as políticas de liberalização e facilitação do comércio e investimento de alto nível, implementar de forma

integral o sistema administrativo do tratamento doméstico na fase de preestabelecimento e das listas negativas, abrandar consideravelmente as restrições de acesso ao mercado, elevar o grau de abertura do setor de serviços ao exterior, e proteger os direitos e interesses legítimos dos investidores estrangeiros. Há que se tratar com equidade e em pé de igualdade todas as empresas registradas na China. Temos de otimizar a disposição referente à abertura regional e reforçar a abertura do Oeste. Atribuiremos às zonas-piloto de livre comércio uma maior autonomia de reforma, e sondaremos a construção de portos de livre comércio. Há que se inovar os meios de investimento ao exterior, incentivar a cooperação internacional na capacidade produtiva, criar redes de comércio, investimento e financiamento, produção e serviços voltadas ao mundo, assim como acelerar a formação das novas vantagens na cooperação e na competição econômica internacional.

Camaradas! Emancipar e desenvolver as forças produtivas sociais constitui uma exigência inerente ao socialismo. Devemos estimular a força criativa de toda a sociedade e a sua vitalidade de desenvolvimento, se esforçando pela concretização de um desenvolvimento mais qualitativo, eficiente, equitativo e sustentável.”

FONTE: <https://bit.ly/20zgQYy>

ANEXO 3

Trechos do Discurso de Xi Jinping na Abertura do 19º Congresso do Partido Comunista Chinês, titulado: "Alcançar o triunfo definitivo de concluir a construção integral de uma sociedade moderadamente abastecida e conquistar a Grande Vitória do Socialismo com características chinesas na Nova Época", pronunciado em Pequim, 18 de outubro de 2017. Nesse trecho, o governo chinês enuncia as linhas principais de sua visão das relações internacionais, a conjuntura global e o papel da China nesse contexto.

O PCCh defende a visão de “comunidade de destino comum da humanidade”, que abriga conceitos como o “ganha-ganha” (relações com outros países baseadas no benefício mútuo) e critica aqueles que insistem na “mentalidade de Guerra Fria e da política de força.”

“Devemos considerar de forma mais equilibrada e em seu conjunto a situação interna e externa, seguir com firmeza o caminho do desenvolvimento pacífico, e aplicar inabalavelmente a estratégia de abertura baseada no benefício recíproco e na relação ganha-ganha.

A China vai erguer no alto a bandeira de paz, desenvolvimento, cooperação e relação ganha-ganha, observar o propósito da política diplomática de defender a paz mundial e promover o desenvolvimento comum, desenvolver de forma inabalável as cooperações amistosas com os outros países com base nos Cinco Princípios de Coexistência Pacífica, bem como impulsionar a construção de um novo tipo de relações internacionais que se baseia no respeito mútuo, equidade, justiça, cooperação e relação ganha-ganha.

O mundo está passando por um período de grande desenvolvimento, transformação e ajuste, e a paz e o desenvolvimento continuam sendo temas principais da época. A multipolarização mundial, globalização econômica, informatização social e diversificação cultural se desenvolvem

profundamente; o sistema de governança global e a transformação da ordem internacional progredem de forma acelerada; os contatos e a interdependência entre os países se aprofundam cada dia mais; o poder internacional evolui na direção do equilíbrio; e é irreversível a tendência de paz e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, se destacam a instabilidade e as incertezas enfrentadas pelo mundo; faltam forças motrizes ao crescimento econômico mundial; se agrava a polarização entre os ricos e os pobres; sucedem uma após a outra questões regionais relevantes; e se espalham constantemente ameaças de segurança não tradicionais como terrorismo, segurança cibernética, graves epidemias contaminadas e mudanças climáticas. Por causa disso, a humanidade está enfrentando muitos desafios comuns.

Estamos vivendo num mundo cheio de esperanças, mas também de desafios. Não podemos desistir do sonho pela complexidade da realidade nem abandonar as aspirações pelo ideal longínquo. Nenhum país pode tratar sozinho os diversos desafios enfrentados pela humanidade nem pode recuar para o confinamento em uma “ilha isolada”.

Apelamos aos povos de todos os países que trabalhem num esforço conjunto para formar uma comunidade de destino comum da humanidade e construir um mundo com paz duradoura, segurança universal, prosperidade comum, abertura e inclusão, e um mundo limpo e belo. Os países devem persistir no respeito mútuo e na negociação em pé de igualdade, e desistir firmemente da mentalidade de Guerra Fria e da política de força, a fim de abrir um novo caminho de intercâmbios entre os países caracterizado pelo diálogo em vez da confrontação e pela parceria em vez do alinhamento. Devem persistir no diálogo para resolver as disputas e na negociação para conciliar as divergências, lidar de forma coordenada com as ameaças de segurança tradicional e não tradicional e se opor a qualquer forma de terrorismo. Devem ficar unidos para promover a liberalização e a facilitação do comércio e investimento e impulsionar o desenvolvimento da globalização econômica rumo a uma direção mais aberta, inclusiva, universalmente benéfica, equilibrada e de ganho mútuo. Respeitando a diversidade das civilizações no mundo, devemos superar as barreiras

entre estas civilizações através de intercâmbios, os conflitos, através de aprendizado mútuo, e a superioridade de uma sobre a outra, através da coexistência. Temos de ser amigáveis ao meio ambiente, cooperar para enfrentar as mudanças climáticas e proteger bem o lar Terra, em que sobrevive o ser humano.

A China sustenta firmemente a política diplomática pacífica de independência e autonomia, respeita o direito dos outros povos de escolher independentemente o seu caminho de desenvolvimento e salvaguarda a equidade e a justiça internacional, ao mesmo tempo em que se opõe a impor a própria vontade aos outros, interferir nos assuntos alheios e que os poderosos humilhem os mais fracos. A China, por um lado, não buscará o seu desenvolvimento sacrificando os interesses de outros países, por outro lado, não desistirá, de jeito nenhum, de nossos direitos e interesses legítimos, e nenhuma pessoa deve esperar que a China engula frutos amargos que prejudiquem seus próprios interesses. A China adota a política de defesa preventiva. O desenvolvimento chinês não representa uma ameaça a nenhum país. Seja qual for o grau de seu desenvolvimento, a China não buscará a hegemonia nem o expansionismo.

A China desenvolve de forma ativa a parceria global para aumentar os pontos de convergência de interesses com os outros países e promove a coordenação e a cooperação com os grandes países para estabelecer uma estrutura de relações entre grandes países, estável em seu geral e com o desenvolvimento equilibrado. Aprofunda as relações com os países vizinhos conforme o conceito de fraternidade, sinceridade, reciprocidade e inclusão e o princípio de tratar os vizinhos como amigos e parceiros, e reforçar a união e a cooperação com os países em desenvolvimento com base em valores corretos de justiça e de benefício e no conceito de sinceridade, efetividade, fraternidade e honestidade. Ainda aumenta os intercâmbios e as cooperações com os partidos e organizações políticos dos outros países, estimulando os intercâmbios entre o exterior e as assembleias populares, comitês da Conferência Consultiva Política, exército, regiões e localidades e associações populares.

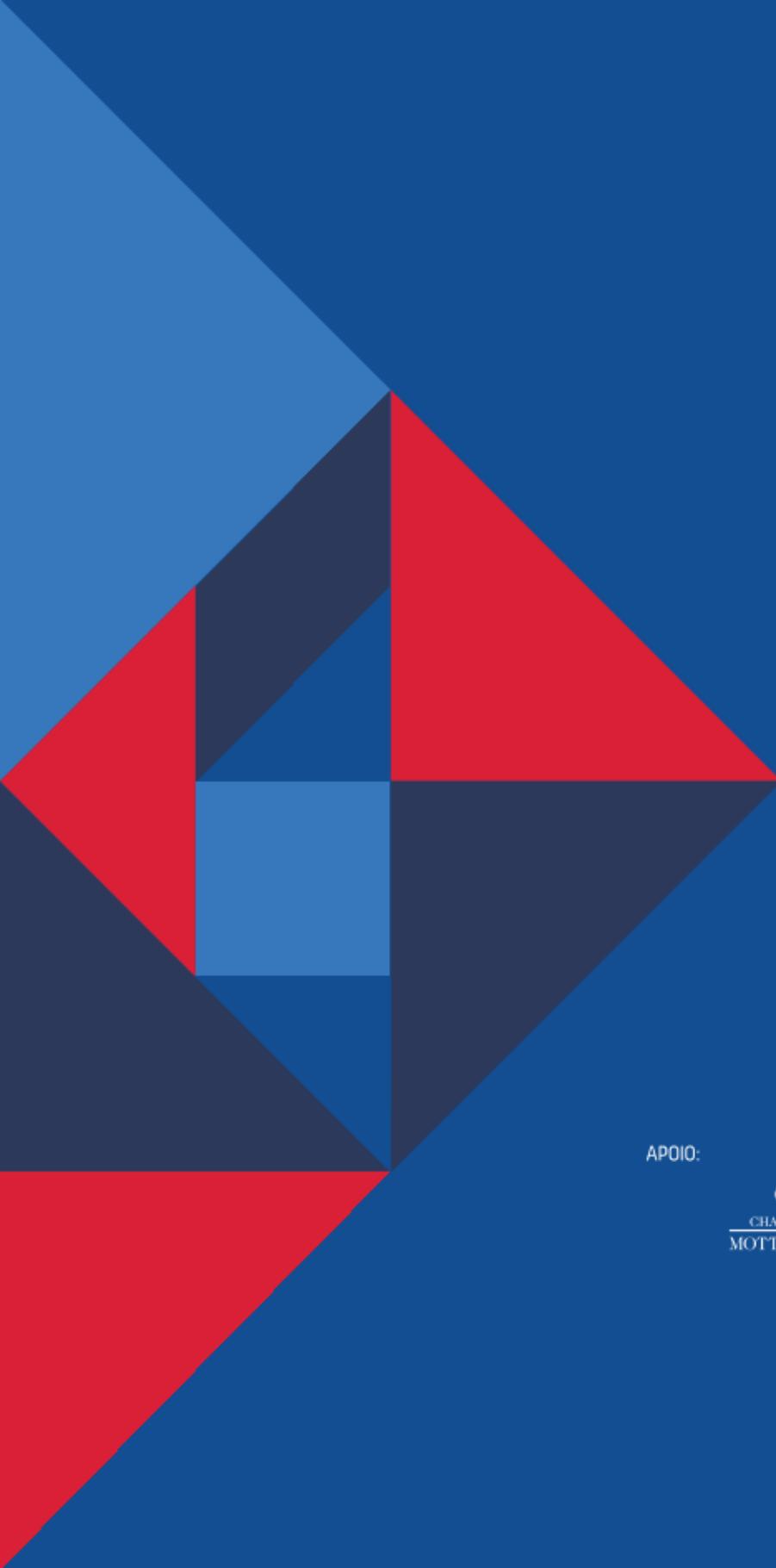
Com a persistência na política nacional básica de abertura ao exterior e na construção de um país de portas abertas, a China promove de forma ativa a cooperação internacional da iniciativa Um Cinturão e Uma Rota, esforça-se para concretizar a coordenação de políticas, conectividade de infraestrutura, livre fluxo de comércio, integração financeira e entendimento entre os povos, cria novas plataformas de cooperação internacional, e adiciona novas forças motrizes ao desenvolvimento comum. A China aumenta as assistências aos países em desenvolvimento, especialmente os subdesenvolvidos, empenhando-se em diminuir a diferença de desenvolvimento entre o Sul e o Norte. O país ainda apoia o sistema comercial multilateral, promove a criação das zonas de livre comércio, bem como impulsiona a construção de uma economia mundial aberta.

A China tem uma visão de governança global de consulta mútua, construção conjunta e compartilhamento, sustenta a democratização das relações internacionais, e persiste na igualdade entre os países, sejam grandes ou pequenos, poderosos ou fracos, ricos ou pobres, apoiando a Organização das Nações Unidas a desempenhar um papel ativo e os países em desenvolvimento a aumentarem a representatividade e o direito à palavra nos assuntos internacionais. A China continuará a desempenhar seu devido papel como grande país responsável e participar ativamente da reforma e do aperfeiçoamento do sistema de governança global, contribuindo sucessivamente com a sabedoria e a força chinesa.” Xi Jinping, *ibidem*. Os “Cinco Princípios da Coexistência Pacífica” são princípios básicos da diplomacia chinesa desde fins dos anos 1950, e se referem a:

1. Respeito mútuo à soberania e integridade nacional;
2. Não agressão;
3. Não intervenção nos assuntos internos de um país por parte de outro;
4. Igualdade e benefícios recíprocos; e
5. Coexistência pacífica entre Estados com sistemas ideológicos diferentes.

FONTE: <https://bit.ly/20zgQYy>

ADHEMAR S. MINEIRO, 56, é economista. Trabalha desde 1992 no DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos). Desde maio de 2003 assessora a REBRIP (Rede Brasileira pela Integração dos Povos) monitorando as negociações comerciais nas quais o Brasil está envolvido e acompanhando temas da política externa brasileira.



APOIO:

